

Resisto

J. Roberto Whitaker Penteado

Esse artigo é dedicado a Carlito Maia.

Dia desses, fui visitar uma grande agência no Rio de Janeiro, onde teria uma reunião de trabalho. Qual a agência, não vem ao caso - são meus amigos, continuam sendo, não quero ser mal-interpretado, pois o que vou relatar poderia ter ocorrido com qualquer pessoa. E esse é o problema.

No saguão do prédio moderno, dirigi-me á recepção (terceirizada) onde, depois de ter-me identificado e informado o propósito da visita, uma moça pediu-me documento, que lhe foi entregue. Havia uma câmera por trás dela. Enquanto escrevia, ordenou-me, sem emoção: olhe para a câmera. Respondi-lhe: - Moça, não vou olhar para a câmera. Vim aqui para tratar de negócios, não para ser fichado. Se quiserem filmar-me, vão fazer isso sem a minha participação. Sem se abalar, ela chamou um colega que, uniformizado, estava em pé, perto dos elevadores. Aproximou-se para ouvir: - Este senhor está me agredindo sem razão. Repeti-lhe o que já havia dito. A resposta: - Se o Sr. não olhar para a câmera, não lhe deixarei entrar. Não entrei, fui embora "a pressão sangüínea mais alta" e tive a tal reunião uns dias depois, em outro local.

Não era a primeira vez. Em São Paulo, faz um ou dois anos, aconteceu-me quase a mesma coisa, num prédio da Berrini. Daquela vez, era para "dar um passo para trás e ficar sobre a linha amarela para ser filmado". Se não me engano, minha resposta foi: - Nem morto.

O segurança teve o bom senso de ligar para a diretoria da agência e um amigo muito querido mandou sua secretária buscar-me - como um salvo-conduto. Subi pelo elevador, por ela escoltado, sem ter colaborado com o meu fichamento.

Sei que alguns leitores bem-intencionados vão dizer que estou ficando neurótico furioso e que essas indignidades são um pequeno preço a pagar para não ser seqüestrado, para ter mais "segurança"...

Não acho. Acho que esse tipo de coisa tem a ver com uma tradição de violência autoritária que aqui foi plantada pelos rudes europeus da inquisição; cultivada durante os sombrios séculos da escravidão; aperfeiçoada nos porões de duas longas ditaduras e ainda floresce nas masmorras indecentes do nosso sistema policial. É o lado feio do Brasil.

E sobre isso, melhor do que eu, escreveu Eduardo Alves da Costa, no seu poema dedicado a Maiakovsky: Na primeira noite, eles se aproximam e colhem uma flor de nosso jardim...

Depois, torna-se tarde. A hora de resistir é agora. A benção, Carlito.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Resisto. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, out. 2003. Disponível em <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=360&ID=177>>. Acesso em: 30 mar. 2010.